&etc




aldina


antónio josé forte
UMA FACA
NOS DENTES

UMA FACA NOS DENTES
de **ANTÓNIO JOSÉ FORTE**

é uma edição & etc
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
Rua da Emenda 30, sub. 3, 1200 Lisboa; telef. 37 19 55

Prefácio:
HERBERTO HELDER

Desenhos e «Hors-Texte»:
ALDINA

Capa:
CARLOS FERREIRO



NOTA INÚTIL

SE HÁ uma «justiça poética» — conceito que se consagra na reiteração dos direitos últimos da poesia sobre os códigos (Verhaeren celebra as locomotivas, e morre trucidado por uma locomotiva; Hart Crane canta o Mar das Caraíbas, e suicida-se nas suas águas; etc.) —, há também uma injustiça, exprimível, como versão editorial, em prefácio: do autor a si mesmo, ou de alheios. Que se pretende? Explicar, colocar, suprir esquecimentos, deferir lembranças, propor, promover? Mas a possibilidade e oportunidade, nessas ou noutras alíneas, tem-nas a obra. E ela vale pelo que tem, justiças e injustiças feitas.

(Glorifico de passagem o episódio poundiano da redescoberta de Cavalcanti: um poeta fica soterrado durante séculos na poeira bibliotecária, até que alguém o leia categoricamente, e ele se mova então, e nos mova a nós, nos comova — as «rime» acabaram de ser escritas. À parte, claro, particularidades atmosféricas, elementos segundos da voz vibrada precisamente através da atmosfera: o gosto, quero eu dizer: a história cultural.)

Procuro contudo justificar esta nota com as razões óbvias injustificáveis da decoração, e outras, as secretas: razões de uma amizade longa, e da homenagem. Não são razões bastantes, mas bastantes não o são nenhumas. E aqui principiam a

má fé e injustiça. Não há modo de suprimi-las: são inerentes ao acto — e a única elegância de estilo é assumir prefácio e tudo com uma espécie de desenvoltura melancólica.

A poesia de António José Forte não é um lugar-comum surrealista, como da muita por cá exercida, sobretudo entre o fim da década de 50 e começo da seguinte, e também da muita que se exerce agora, lugar-comum sub-reptício. Evaporou-se, toda ela, evapora-se a cada instante. (Recordo a vaga superficialmente estilística levantada por Cesariny entre os jovens dessa altura. Entretanto, Cesariny reaparece desembaraçado à volta, indemne: ele. O rosto acabará por assemelhar-se ao retrato autêntico: rápido e amargo nos poemas — com uma luz. Mas prevejo que a sua palavra vai de novo lavrar, recobrada no formigueiro. Um grande poeta nunca se furta à degradação interposta.)

A natureza primeira desses lugares-comuns é, definidamente, a indistinção. A singularidade mostra só a força peremptória capaz de construir um universo de mitos e símbolos particulares, que uma linguagem identificável e correlata sustenta coerentemente. Quanto mais contrabandeado, melhor se verá nele a força natural da singularidade. Muito simples. E percebe-se, pelo nexo entre a banalidade das leituras e esse afã adúltero, que alguns poetas se tenham queixado do equívoco das reputações e ensinos. Eu acho que sim: é um equívoco. Eles pediram às vezes, como benevolência e pausa do mundo, a misericórdia da obscuridade. Pois todas as pequenas festas e celebrações, embora pequenas, ou por serem pequenas, e pelos resultados pequenos, introduzem a desavença entre o que é e o que não pode ser e todos parece desejarem que seja.

A voz de António José Forte não é plural, nem directa ou sinuosamente derivada, nem devedora. Como toda a poesia verdadeira, possui apenas a sua tradição. A tradição romântica, no menos estrito e mais expansivo e qualificado registo. Uma tradição próximo de nós esclarecida pelo surrealismo, abrindo para trás e para diante: imemorial, dinâmica. Única maneira de entender-se uma tradição essencial. Não se trata de modo ou moda, forma ou fórmula, acidentalidade ou incidentalidade. Fala-se da inteligência fundamental do mundo.

Gostaria de acentuar nesta poesia, um pouco dramaticamente, o carácter de expiação social, de condenação: é uma poesia votada à câmara de gás. E neste regime, e a propósito de Cesariny também, sublinho como aparece ilusória, contrária, a «reabilitação do real quotidiano», onde afinal, na traça de Auden, «there is no place for us».

não há espaço demais para ficar

diz Forte. Ou:

hoje não é a mesma coisa
que um búzio para ouvir o coração
não é um dia no seu eixo
não é para pessoas

E significa que

é um dia perfeitamente para cães

Não, claro, para esse cão que da pungente paródia clownesca de Dylan Thomas ao título joyceano valeu ao autor um esplêndido poema: «Retrato do Artista em Cão Jovem». Poema obtido da matéria mais sensivelmente vulnerável do extraviamento pessoal nos labirintos diários: a dor e o medo — a perversão. A palavra, acossada e difícil até ao silêncio, arduamente pronunciada por quem se emprestou a boca de um «povo que oculta a cabeça nas entranhas dos mortos».

Com o focinho entre dois olhos muito grandes
por trás de lágrimas maiores
este é de todos o teu melhor retrato
o de cão jovem a que só falta falar
o de cão através da cidade

(Comentário de Giacometti a uma das suas esculturas: «C'est moi. Un jour je me suis vu dans la rue comme ça. J'étais le chien.»)

Conheço várias determinações de silêncio, e as de António José Forte — cuja distância se estende quase pelos últimos vinte anos — podem talvez achar-se no próprio transcurso da poesia pelo horror quotidiano. Sabe-se às vezes que a poesia é tão inviável que ninguém a empunha como uma arma: não subverte o quotidiano e a história. Quando e em que estilo se mantém ela como equipamento desta guerra vista, ou de alguma guerra provável, nos acampamentos da história?

E já ouvi que a palavra não traduz a acção: e, se a não traduz, como pode — superlativamente — «ser» a acção? Rimbaud despede-se e, sobretudo, toda a grande jerarquia da palavra geradora, desde — que sei eu? — a Kabbalah às, remontando, mais eminentes cosmogonias. Resta o jogo?

Afinal, o poeta intenta uma forma onde a história se consubstancie, e se transmude, e miticamente ultrapasse os seus poderes dispersivos. Não sendo a história, nem efectivando a revolução na história, a poesia propõe-se realizar a sua representação no domínio dos símbolos, e transferir-lhe o significado activo para uma esfera porventura incontingente, permanente — desconto feito às morfologias —, superior e também mais elementar, mais fundamental.

Para quem se não satisfaça no ludismo, nem esgote o empenho do verbo nas gramáticas — e nenhuma alta poesia aí se acalmará —, o lugar de passagem e o lugar problemático de chegada serão sempre dramáticos. Toda a poesia é insolúvel: encontra a sua hora de estrangulamento. Não lhe falta nem lhe sobra o mundo, nem é a contradição do mundo aquilo que a embaraça. Trata-se do vácuo criado pela história no seio do mito. O silêncio não traduz apenas a renúncia, mas a ruptura entre o mundo como linguagem e a linguagem como mundo. O que se não exprime forçosamente pela ausência do dizer. Não será essa, mesmo, uma condição do dizer? Relevo, sim, o paradoxo: esta ambição unitária no meio da descontinuidade e fragmentarismo de tudo: o mito, a história, o eu.

Já se indicou que o homem barroco — colmatador de vazios — se mobiliza no pensamento da morte. O espaço mortal em torno, enche-o ele com a ofegante teoria das formas, a veemência invasora e homogeneizadora.

Note-se que pelos processos e concreções — quer dizer: pelo método de criação de formas — a poesia de António José Forte é barroca, fragmentária. E objectiva. Cito Walter Benjamin: «O homem barroco acumula fragmentos.» Porque é precária a sua noção do tempo. A noção do espaço, essa, é nele dolorosamente aguda. A continuidade do eu faz-se por inquilinato espacial, por socorro objectivo. Como muita poesia surrealista, ou afim, a de Forte molda-se num corpus de fragmentos soldados por pontos magnéticos de analogia imaginística ou verbal, ou por enlaces rítmicos. É uma colagem — orgânica — de fragmentos. O continuum, sempre perfeito, denota a ágil intuição dos recursos de escrita e uma oficina atenta. Poesia com certeza barroca. Quando comparece, o tempo é condição, ou só tradução, tradução obliterada, do espaço. E por regra das figurações espaciais, directas ou desviadas, desenvolve-se visualmente. Os materiais, e a norma do seu uso, dispõem de textura e espessura objectivas.

Fala-se de oficina, de cuidado artesanal — coisa estética, literária — a respeito de um poeta de linhagem surrealista?

Seria lícito distinguir aqui várias noções. Distingam-se «escrita automática» e «inspiração», esse terrífico júbilo criador, não apenas inventiva, mas obscura fluência conjugada do nome, da realidade percebida e das mais completas possibilidades do espírito: isso que tão abalada e minuciosamente foi descrito, até nos efeitos físicos, por Nietzsche — parente profana de uma eventualidade do prodígio: o homem transforma-se numa voz proferidora, ao indecifrável e implacável serviço das potências.

A inspiração deriva de facto de uma ordem especial de atenção, de devotação. Não se pode confundi-la com o automatismo psíquico, expresso no caso pela escrita automática, que os surrealistas definiram como «dictée de la pensée (...), en l'absence de tout contrôle exercé par la raison, en dehors de toute préoccupation esthétique (...)». A feliz infidelidade de alguns surrealistas, infidelidade declarada e documentada (para abreviar e ficar perto, recomendaria a leitura do «Diário da Composição», in «A Cidade Queimada», de Cesariny), permitiu-lhes os melhores poemas. O estado de poesia, se assim se quiser designar, pode ser especificado pela circunstância de consciência. E tudo deve ser posto a favor desta circunstância de consciência. Todos os dons e poderes pessoais, arrebatamento e disciplina, impulso e astúcia, qualidades maiores e secundárias do espírito.

Coloco a questão em termos mais sólidos, recorrendo a Mandelstam, cujo intuito era o de tornar consciente, e portanto dominá-la, e assegurá-la, a corrente interior que conduz ao poema. Trata-se afinal dessa já apontada ordem de atenção.

Não festejo excessivamente a oficinalidade (vejam-se os fictícios e pacíficos objectos de exposição por aí, não apenas na poesia portuguesa actual, mas em toda a parte); não exalto de modo nenhum a escrita automática (já se evidenciou quanto ela convoca, e tantas vezes só isso, desalinhadas reminiscências literárias); mas assino absolutamente a inspiração, se ela consegue apoiar-se no entendimento e regra dos seus próprios vocabulários. E nisto não se alude, nem por suspeita, a qualquer racionalidade ingénua, qualquer anuência para fora, que tornem tudo servido fácil.

É legível nos poemas de Forte uma carga de persuasão que vem, imediata, do manejo abrupto da imagem e da metáfora funcionando como síntese perceptiva. Daí sobretudo a sua eficácia. E o fascínio. O tributo ao surrealismo — certo tipo de imaginário, teor metafórico, pauta imaginística, certa visão apocalíptica do quotidiano, ou a fé na salvação dentro da história através da utopia, certa mitologia do erotismo mágico — não viola o seu universo pessoal, e o esquema que o traveja. Esses aspectos conformam-se de resto a características privadas suas, não o perturbando ou inflectindo, mas auxiliando-o topicamente.

Contraditória na fogosidade destrutiva e no empenhamento regenerador, toca esta poesia determinados limites das possibilidades do fazer-se, não do fazer-se como objecto verbal, mas como projecto espiritual que se instala na história e a procura sublevar, dela extraindo, pelo expediente àquilo que vai ser — a utopia —, a regra da vida, o emblema, ouro metafórico que brilharia no meio da truculência e devastação. O tema esparso, mas decidido, será o paraíso do amor mágico, alcançável mitograficamente após as travessias dos infernos diários de que, por soma e suma, se tece a história.

António José Forte publicou o núcleo central deste volume em 1960, e pouco escreveu entre essa data e agora. As razões de um silêncio são ocultas sempre, e compósitas. Mas as deste talvez sejam parcialmente assinaláveis nas dificuldades de efectivar o mito que uma poesia assim comporta. Toda a verdadeira poesia assenta na sua própria dificuldade, e o êxito reside, não na dissolução da dificuldade, mas em torná-la

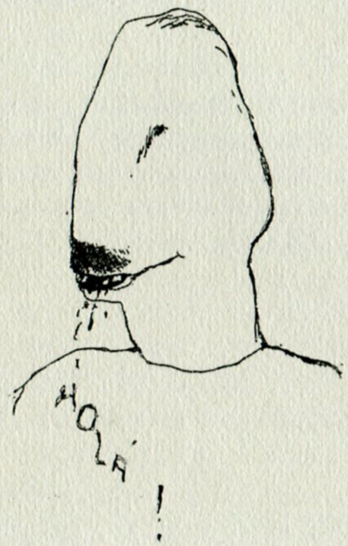
eficazmente manifesta. Este livro conseguiu-o. E porque ao poeta ameaçam a bastardia, a tentação do duplo literário, forçosamente de esconjurar, saúde-se aqui a recusa em diluir a fecunda dificuldade da poesia na facilidade estéril da escrita («o poema devorará o poeta para não»). O autor di-lo ainda na medida melhor: «Há (...) gente que nunca escreveu uma linha que fez mais pela palavra que toda uma geração de escritores.» Mas foi porventura necessário escrevê-lo para que fosse mais verdadeiro.

Agosto, 82.

Herberto Helder



QUASE 3 DISCURSOS
QUASE VEEMENTES



1

ERAM ENORMES, tentaculares, e à sua passagem a noite ficava dividida ao meio: num lado eram lançados os velhos e as crianças, no outro os corpos dilacerados dos amantes.

Contudo, podia-se escolher. Os generais tinham providenciado nesse sentido, mantendo abertos ao longo das avenidas grandes postos de abastecimento para suicidas. Havia quem se suicidasse escrevendo um poema, como havia quem se suicidasse olhando simplesmente para o mar. Qualquer coisa flutuava, a certas horas, ao redor das bocas, e era sangue ou labaredas, nunca se sabia bem. Era às vezes uma flor na boca duma criança.

Uma noite uma mulher estendendo os braços para o horizonte, lançou de súbito um grito lancinante: AVIÕES! Mas era apenas um bando de gaivotas e a mulher teve de ser enforcada. Tais enganos constituíam segredo de Estado.

É certo que não havia presos políticos. A política tinha sido abandonada por todos, estava reduzida a um montão de cabeças petrificadas.

A caça aos ratos, única fonte de sabedoria, tornara-se quase geral. Mas era preciso apanhá-los vivos. Então extraíam-se cuidadosamente as entranhas com o auxílio de pinças, e aos olhos fascinados dos estudiosos

patenteava-se, naquelas formas horríveis e sangrentas, tudo o que restava dos discursos de Zaratustra ou de Alice no País das Maravilhas.

Era no tempo em que os generais falavam: passavam bicicletas arrastando cabeleiras e logo a seguir ao armistício houve o suicídio em massa dos órfãos do Soldado Desconhecido. Apareciam e desapareciam coisas. Aparecia de vez em quando o rapaz do trapézio voador, desaparecia a horas mortas, entre os lençóis, uma grande guerra de corpo contra corpo.

Mais ou menos por essa altura a descoberta pelos astrónomos dum sapato na aurora boreal lançou o país em discussões verdadeiramente académicas, que os fabricantes de calçado aproveitaram para lançar no mercado um novo modelo de patriota: o Patriota Pneumático. Funcionava assim ... ...
... ...

2

Falámos tanto ou tão pouco que de repente o silêncio que se fez foi essa patada no peito de que guardamos a marca quando agora choramos, quando estendemos as mãos carregadas de dedos mortos, sonhámos tanto que mais de uma vez tivemos de matar, que mais de

uma vez nos estoiraram os olhos sob a pólvora das lágrimas e as tuas mãos voaram estilhaçadas, jogámos tanto que para não nos perdermos arriscámos tudo, até tornarmos a morte uma coisa nossa, tão nossa que é ela que anda agora vestida com a nossa pele e os nossos ossos, escorregando pelas paredes de cabeça p'ra baixo ou subindo pelo interior dos bicos, olhando do alto o sangue que ficou no centro, entre os carris, passando de cadafalso em cadafalso com os lábios furados pelas unhas, com a cintura roxa das dentadas da noite, da miséria dos dias.
... ...

3

Roda de todas as torturas e todas as seduções, deixaste de girar, estás agora aqui, partida, abandonada no próprio local do sangue; transportada de homem em homem através dos séculos, foste há pouco deposta pelo último homem, esse que desapareceu, ia de lado, com os joelhos duros cobertos de água e as mãos cem metros à sua frente em sinal de maldade. Corpo a corpo foste gasta até à última noite e até à última estrela; palavra a palavra foste sugada e bebida e de todos os lados sempre novas bocas chegavam para te sugar e beber;

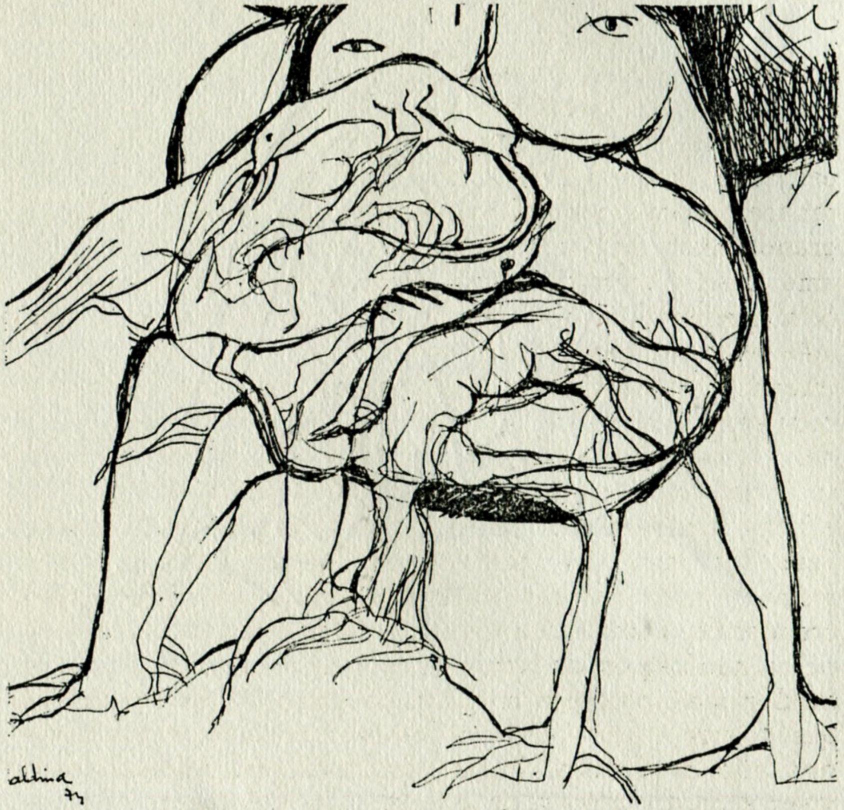
ficaste um gesto que perseguimos à dentada e acabámos por matar. Vêde: a destruição prossegue docemente. Restam apenas aqui e além algumas cidades com os seus milhões de almas e nada mais. Pequenas marcas de sangue cada vez mais vivas assinalam a nossa passagem entre as agulhas de carvão do tempo. Canhões ocupam a entrada da luz. E de Norte a Sul, de Este a Oeste, de criança para criança, aguarda-se o sinal de fogo.

Não estranheis os sinais, não estranheis este povo que oculta a cabeça nas entranhas dos mortos. Fazei todo o mal que puderdes e passai depressa.

... ...
... ...

40 NOITES DE INSÓNIA





POEMA

SÃO ELES — os amantes no seu leito de morte chegando a espaços de clareiras infernais, quarenta noites de insónia, de fogo, de dentes numa girândola implacável, todos os suicidas e as mães que tiveram antes, as mães que tiveram depois e aqui e ali, por toda a parte, automóveis abandonados às chamas, animálculos, perguntas, cortesãs, decapitações atrás dos cartazes, dois rapazes no cais enquanto a morte rouba flores à infância, grande festa do poeta na gare esperando o comboio para uma morte horrível, a trapezista dos meus tempos de ócio medieval e do trapézio dos adolescentes, minha mãe das minhas noites de menino e hélices lunares cobrindo de cristais e de pavor as tuas mãos, simples roda de cores e anel de namorada; fotografia dela guardada ainda na mesma carteira velha, ainda rugindo pela infância, ainda viva pelas coisas imperdoáveis, próxima e feroz como um punhal nas costas, desde Lisboa, desde uma flor na minha boca e uma hora ao pé de ti, vertiginosa e alta nos teus olhos, nos teus ombros velozes ao crepúsculo, numa salva de prata à esquerda pelas nuvens, pelos naufrágios de vento à mão direita, entre cães de latidos luminosos e a muralha da china — esta noite em que a terra é um ponto em Lisboa e não tem importância que não haja outro lugar para estar morto, mas para viver é muito importante que seja um continente que nos espere.

AINDA NÃO

Ainda não
não há dinheiro para partir de vez
não há espaço demais para ficar
ainda não se pode abrir uma veia
e morrer antes de alguém chegar

ainda não há uma flor na boca
para os poetas que estão aqui de passagem
e outra escarlate na alma
para os postos à margem

ainda não há nada no pulmão direito
ainda não se respira como devia ser
ainda não é por isso que choramos às vezes
e que outras somos heróis a valer

ainda não é a pátria que é uma maçada
nem estar deste lado que custa a cabeça
ainda não há uma escada e outra escada depois
para descer à frente de quem quer que desça

ainda não há camas só para pesadelos
ainda não se ama só no chão
ainda não há uma granada
ainda não há um coração

O BOM ARTÍFICE

Entretanto
dez séculos mais tarde no local do drama
o diabo
diante do seu forno
levanta por instantes seus doces olhos
para quatro mil cadafalsos

Vêde
mais além o bom artífice
mostrando
anjos
ou
batéis

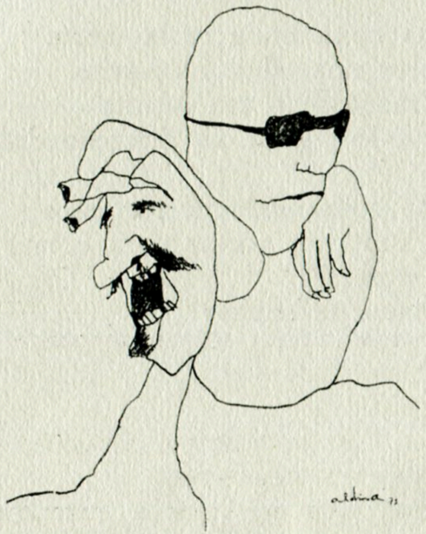
ainda uma canção

se gostais
de belas torturas
não ouvireis nada

RESERVADO AO VENENO

Hoje é um dia reservado ao veneno
e às pequeninas coisas
teias de aranha filigranas de cólera
restos de pulmão onde corre o marfim
é um dia perfeitamente para cães
alguém deu à manivela para nascer o sol
circular o mau hálito esta cinza nos olhos
alguém que não percebia nada de comércio
lançou no mercado esta ferrugem
hoje não é a mesma coisa
que um búzio para ouvir o coração
não é um dia no seu eixo
não é para pessoas
é um dia ao nível do verniz e dos punhais
e esta noite
uma cratera para boémios
não é uma pátria
não é esta noite que é uma pátria
é um dia a mais ou a menos na alma
como chumbo derretido na garganta
um peixe nos ouvidos
uma zona de lava
hoje é um dia de túneis e alçapões de luxo
com sirenes ao crepúsculo
a trezentos anos do amor a trezentos da morte

a outro dia como este do asfalto e do sangue
hoje não é um dia para fazer a barba
não é um dia para homens
não é para palavras



POEMA

Alguma coisa onde tu parada
fosses depois das lágrimas uma ilha
e eu chegasse para dizer-te adeus
de repente na curva duma estrada

alguma coisa onde a tua mão
escrevesse cartas para chover
e eu partisse a fumar
e o fumo fosse para se ler

alguma coisa onde tu ao norte
beijasses nos olhos os navios
e eu rasgasse o teu retrato
para vê-lo passar na direcção dos rios

alguma coisa onde tu corresses
numa rua com portas para o mar
e eu morresse
para ouvir-te sonhar

MEMORIAL

As tuas mãos que a tua mãe cortou
para exemplo duma cidade inteira
o teu nome que os teus irmãos gastaram
dia a dia e que por fim morreu
atravessado na tua própria garganta
as tuas pernas os teus cabelos percorridos
rato após rato tantos anos
durante tanta alegria que não era tua
os teus olhos mortos eles também
na primeira ocasião do teu amante
assim como as palavras ainda fumegando docemente
sob as pedras de silêncio que lhes atiraram para cima
o teu sexo os teus ombros
tudo finalmente soterrado
para descanso de todos
— mesmo dos que estavam ausentes

RETRATO DO ARTISTA EM CÃO JOVEM

Com o focinho entre dois olhos muito grandes
por trás de lágrimas maiores
este é de todos o teu melhor retrato
o de cão jovem a que só falta falar
o de cão através da cidade
com uma dor adolescente
de esquina para esquina cada vez maior
latindo docemente a cada lua
voltando o focinho a cada esperança
ainda sem dentes para as piores surpresas
mas avançando a passo firme
ao encontro dos alimentos

aqui estás tal qual
és bem tu o cão jovem que ninguém esperava
o cão de circo para os domingos da família
o cão vadio dos outros dias da semana
o cão de sempre
cada vez que há um cão jovem
neste local da terra

FIDELIDADE

Na orla da floresta o golfo chama os seus fiéis
para deslumbramento dos últimos habitantes

pacto das realidades
dessas altas
figuras de pedra

o alerta do juízo final
o lugar para onde se leva
o mais generoso e o melhor

LISBOA REVISITADA

Frio frio
como a pedra do rio
— as artes as letras
os cafés do rossio

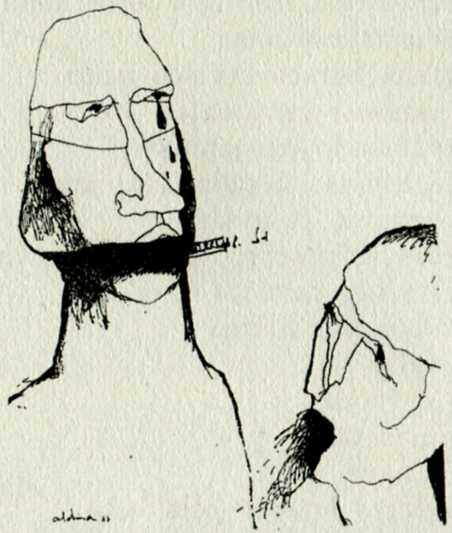
frio frio
— as mãos
presas à noite por um fio
os amantes ao demónio
anjos e arcanjos ao cio

frio
— a morte
ela e a sua corte
de caudas de pavões
no alto do navio

LIBERTAÇÃO

Descerão por paredes sangrentas
e subirão do asfalto
ganindo com um prego na língua
com os pulsos atados às patas
sobre pulmões raivosos em barcos de esterco
e não olharão nem para baixo nem para o alto
mas para a frente
para o horizonte de fatias vermelhas
e para trás
para os afogados sem mar sem terra natal
    sem paisagens marinhas
cada um com um buraco em seu peito
esguichando palavras estridentes
descerão atravessando gargantas
e subirão pela espinha a golpes de jejum
descerão empurrando palavras
transportando-as ao pescoço como cintos de salvação
abrindo crateras nas cabeças queridas
e olhos nos olhos dos aflitos
subirão do asfalto
transparentes e feridos
com os olhos nas mãos
a cabeça no sangue
chegarão aos pares ligados pela boca

com um estandarte negro seguro nos dentes
e descerão sempre cada vez mais e cada vez de mais alto
até chegar à orla do inferno chorarem as últimas lágrimas
e partirem de vez

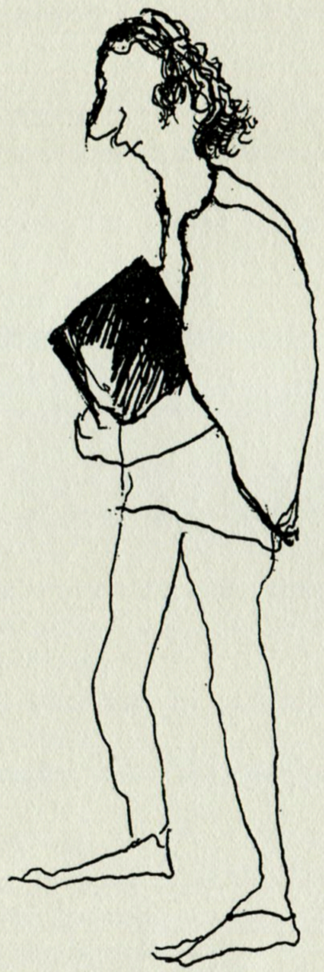


ESTE CÉREBRO...

Este cérebro de um país
placa tornante gonzo eclusa
de tantas aspirações que procuram

ele próprio no centro
da comodidade das suas estradas convergentes
local feito para a troca e para as reuniões
capital onde se realiza não só a síntese
de duas raças
mas também a união de tantos interesses
tantas energias
desligou as suas imagens

boca aberta em expectativa
os homens-jaguares
vão falar



O POETA EM LISBOA

Quatro horas da tarde.
O poeta sai de casa com uma aranha nos cabelos.
Tem febre. Arde.
E a falta de cigarros faz-lhe os olhos mais belos.

Segue por esta, por aquela rua
sem pressa de chegar seja onde for.
Pára. Continua.
E olha a multidão, suavemente, com horror.

Entra no café.
Abre um livro fantástico, impossível.
Mas não lê.
Trabalha — numa música secreta, inaudível.

Pede um cigarro. Fuma.
Labaredas loucas saem-lhe da garganta.
Da bruma
espreita-o uma mulher nua, branca, branca.

Fuma mais. Outra vez.
E atira um braço decepado para a mesa.
Não pensa no fim do mês.
A noite é a sua única certeza.

Sai de novo para o mundo.
Fechada à chave a humanidade janta.
Livre, vagabundo
dói-lhe um sorriso nos lábios. Canta.

Sonâmbulo, magnífico
segue de esquina em esquina com um fantasma ao lado.
Um luar terrífico
vela o seu passo transtornado.

Seis da madrugada.
A luz do dia tenta apunhalá-lo de surpresa.
Defende-se à dentada
da vida proletária, aristocrática, burguesa.

Febre alta, violenta
e dois olhos terríveis, extraordinários, belos.
Fiel, atenta
a aranha leva-o para a cama arrastado pelos cabelos.

DENTE POR DENTE

OUTROS antes de nós tentaram o mesmo esforço: dente por dente: não, nunca olhar de soslaio e manter a cabeça escarlate, o vómito nos pulsos por cada noite roubada; nem um minuto para a glória da pele. Despertar de lado: olho por olho: conservar a família em respeito, a esperança à distância de todas as fomes, o corno da cada dia nos intestinos. Aos dezoito anos, aos vinte e oito, a vida posta à prova da raiva e do amor, os olhos postos à prova do nojo. Entrar de costas no festival das letras, abrir passagem a golpes de fígado para a saída do escarro. Se não temos saúde bastante sejamos pelo menos doentes exemplares.

Fora do meu reino toda a pobreza, toda a ascese que gane aos artelhos dos que rangem os dentes; no meu reino apenas palavras provisórias, ódio breve e escarlate. Nem um gesto de paciência: o sonho ao nível de todos os perigos. Pelo meu relógio são horas de matar, de chamar o amor para a mesa dos sanguinários.

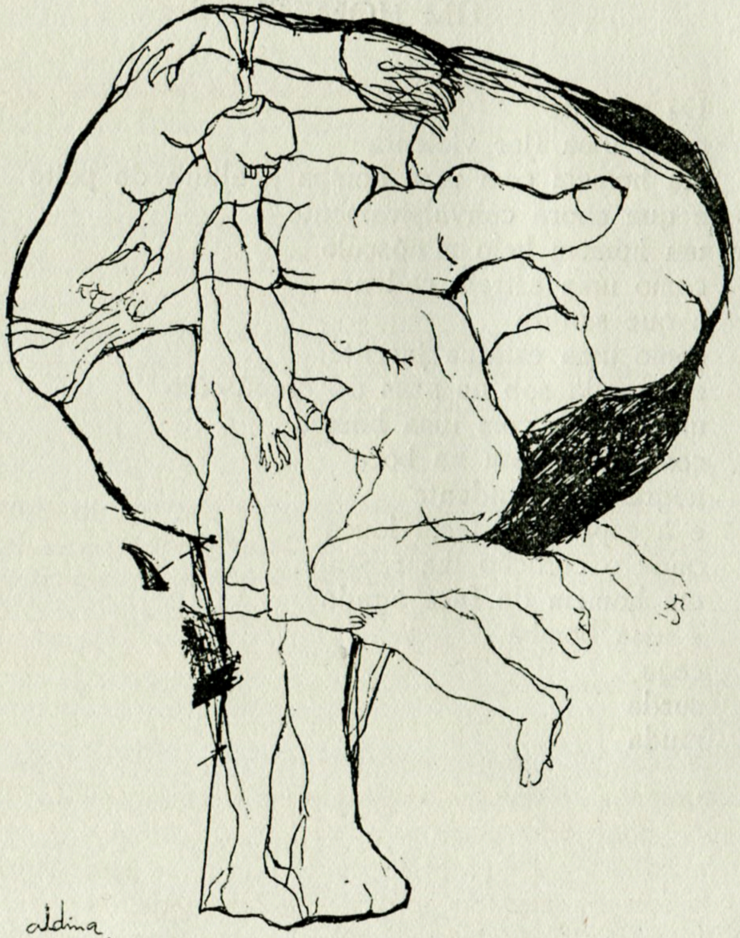
Dente por dente: a boca no coração do sangue: escolher a tempo a nossa morte e amá-la.

DECLARAÇÃO

Eu de barba branca a tiracolo
rodeado de fumo por todos os lados vadios
menos pelo lado do mar
com um incêndio à ilharga
e dois artelhos clandestinos
eu salvo miraculosamente para te amar e curar
e esperar o teu regresso glacial e escarlate
que escrevo poemas desde que um rato
me entrou prós pulmões e só por causa disso
eu que disse: há um cancro no mapa universal
e engenheiros, geógrafos, doutores se apressaram a negá-lo
eu da cintura pra cima de alcatrão e terror
e do umbigo pra baixo de quiosque chinês
eu não espero piedade obrigado

UM HOMEM

De repente
como uma flor violenta
um homem com uma bomba à altura do peito
e que chora convulsivamente
um homem belo minúsculo
como uma estrela cadente
e que sangra
como uma estátua jacente
esmagada sob as asas do crepúsculo
um homem com uma bomba
como uma rosa na boca
negra surpreendente
e à espera da festa louca
onde o coração lhe rebente
um homem de face aguda
e uma bomba
cega
surda
muda



UMA FACA NOS DENTES

O MAIS BELO ESPECTÁCULO DE HORROR SOMOS NÓS.

Este rosto com que amamos, com que morremos, não é nosso; nem estas cicatrizes frescas todas as manhãs, nem estas palavras que envelhecem no curto espaço de um dia. A noite recebe as nossas mãos como se fossem intrusas, como se o seu reino não fosse pertença delas, invenção delas. Só a custo, perigosamente, os nossos sonhos largam a pele e aparecem à luz diurna e implacável. A nossa miséria vive entre as quatro paredes, cada vez mais apertadas, do nosso desespero. E essa miséria, ela sim verdadeiramente nossa, não encontra maneira de estoirar as paredes. Emparedados, sem possibilidade de comunicação, limitados no nosso ódio e no nosso amor, assim vivemos. Procuramos a saída — a real, a única — e damos com a cabeça nas paredes. Há então os que ganham a ira, os que perdem o amor.

Já não há tempo para confusões — a Revolução é um momento, o revolucionário todos os momentos. Não se pode confundir o amor a uma causa, a uma pátria, com o Amor. Não se pode confundir a adesão a tipos étnicos com o amor ao homem e à liberdade. NÃO SE PODE CONFUNDIR! Quem ama a terra natal fica

na terra natal; quem gosta do folclore não vem para a cidade. Ser pobre não é condição para se ganhar o céu ou o inferno. Não estar morto não quer forçosamente dizer que se esteja vivo, como não escrever não equivale sempre a ser analfabeto. Há mortos nas sepulturas muito mais presentes na vida do que se julga e gente que nunca escreveu uma linha que fez mais pela palavra que toda uma geração de escritores.

A acção poética implica: para com o amor uma atitude apaixonada, para com a amizade uma atitude intransigente, para com a Revolução uma atitude pessimista, para com a sociedade uma atitude ameaçadora. As visões poéticas são autónomas, a sua comunicação esotérica.

Os profetas, os reformistas, os reaccionários, os progressistas arregalarão os olhos e em seguida hão-de fechá-los de vergonha. Fechá-los como têm feito sempre, afinal, e em seguida mergulharem nas suas profecias. Olharem para a parte inferior da própria cintura e em seguida fecharem os olhos de vergonha. Abandonarem-se desenfreadamente à carpintaria das suas tábuas de valores, brandirem-nas por cima das nossas cabeças como padrões para a vida, para a arte, para o amor e em seguida fecharem os olhos de vergonha às manifestações mais cruéis da vida, da arte e do amor.

MAS NÃO IMPORTA, PORQUE EU SEI QUE NÃO ESTOU SOZINHO no meu desespero e na minha revolta. Sei pela luz que passa de homem para homem quando alguém faz o gesto de matar, pela que se extingue em cada homem à vista dos massacres, sei pelas palavras que uivam, pelas que sangram, pelas que arrancam os lábios, sei pelos jogos selvagens da infância, por um estandarte negro sobre o coração, pela luz crepuscular como uma navalha nos olhos, pelas cidades que chegam durante as tempestades, pelos que se aproximam de peito descoberto ao cair da noite — um a um mordem os pulsos e cantam — sei pelos animais feridos, pelos que cantam nas torturas.

Por isso, para que não me confundam nem agora nem nunca, declaro a minha revolta, o meu desespero, a minha liberdade, declaro tudo isto de faca nos dentes e de chicote em punho e que ninguém se aproxime para aquém dos mil passos

EXCEPTO TU MEU AMOR EXCEPTO TU
MEU AMOR

minha aranha mágica agarrada ao meu peito
cravando as patas aceradas no meu sexo
e a boca na minha boca

conto pelos teus cabelos os anos em que fui criança
marco-os com alfinetes de ouro numa almofada branca
um ano dois anos um século
agora um alfinete na garganta deste pássaro
tão próximo e tão vivo
outro alfinete o último o maior
no meu próprio plexo

MEU AMOR
conto pelos teus cabelos os dias e as noites
e a distância que vai da terra à minha infância
e nenhum avião ainda percorreu
conto as cidades e os povos os vivos e os mortos
e ainda ficam cabelos por contar
anos e anos ficarão por contar

DEFENDE-ME ATÉ QUE EU CONTE
O TEU ÚLTIMO CABELO

COMO COMUNICAR?

FALAR da ausência de António Maria Lisboa, neste ano de fantasmas que é 1963, é suspender à porta das agências literárias que tapam o horizonte, a seguinte pergunta: Como comunicar? Era exactamente com esta interrogação que o autor de «Isso ontem único» terminava em 1947 a conferência intitulada «Erro Próprio». Seis anos depois A. M. Lisboa noticiava que o esforço para dar resposta rigorosa à pergunta podia às vezes levar ao rebentamento dos pulmões. Alguns dos que ficaram, mais ou menos a partir dessa altura, com a pergunta atravessada na garganta, não se importam de informar que, embora seja possível os pulmões continuarem durante vários anos portugueses a fazer parte da mobília do poeta, outras peças não escapam ao sacrifício. Porque o amor, a liberdade não são moedas de aparecer nos balcões dos grandes armazéns da literatura nacional, apesar dos empregados servirem bem e dos fregueses raramente se queixarem. Os mesmos declaram ainda que, embora barata a entrada para o jazigo sumptuoso, oferta dos funcionários críticos deste país aos surrealistas, vão preferir espernear na vala comum. «Mas o Rossio é sempre a despedida da vida».

Francamente, falar de surrealismo num ambiente de capacidade crítica subdesenvolvida e de chuva miudinha, apetece pouco. Como apetece pouco, outrossim, repetir

afirmações já muito bem atropeladas pelos profissionais da nossa esperteza literária. O ferro-de-engomar do talento continua de serviço e quente.

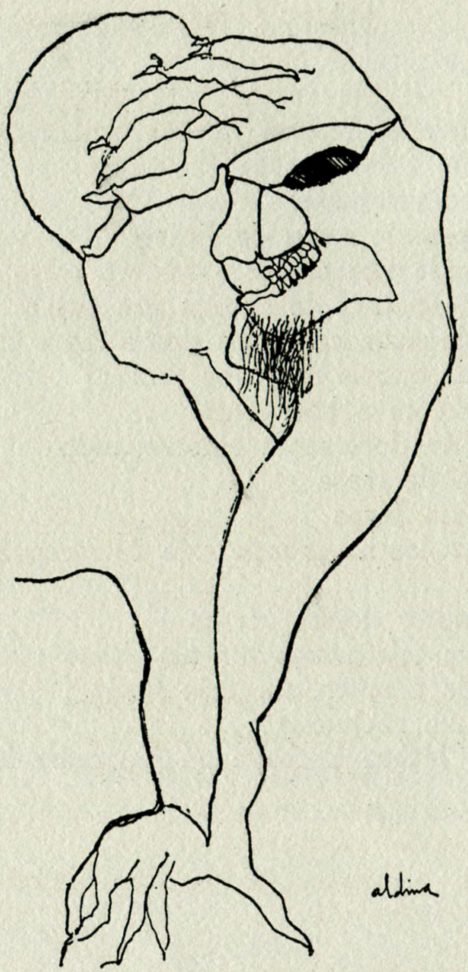
Certíssimo, pois, este insignificante significativo acontecimento que sou eu sepultando meia-dúzia de palavras num jornal de Tomar, a propósito da ausência de A. M. Lisboa. Mas como comunicar, num local em que debaixo dos leitos do amor estabeleceram quartel-general as ratazanas do medo? Eis a pergunta a que, segundo A. M. Lisboa, cada um deverá dar resposta a seu modo e a seu tempo.

NATAL DE 1964

Este ano a quadra festiva vai ser melhor do que nunca

no seu centro vai haver
um grande grande ramo de flores
que é por onde vão entrar
uns atrás dos outros de cabeça pra baixo
os rapazes de mais categoria das artes e das letras
uns atrás dos outros de mãos dadas
cantarolando com a boca cheia
e escorregando docemente escorregando
para debaixo da mesa
onde os espera Jesus
para introduzi-los na grande sala de recepção ao vómito

Quanto ao autor destes versos
aguardará um telefonema até ao último momento
mas à cautela e antes que seja tarde
já comprou um cachucho
que mandou fechar à chave no seu cofre-forte



UM POEMA

Ceux qui lancent les révolutions
sont toujours les cocus de l'Histoire

Daniel Cohn-Bendit

Deves ter razão
e certamente a História não demorará a pôr-te os cornos
um corno vermelho o outro corno negro
grande e delirante cornudo
meninotauro bufando
e investindo à altura do sexo
Sou pela razão ardente dos teus cornos!
Pisaste bem o rabo de deus
mordeste bem o pescoço do diálogo
enfiaste admiravelmente bem
primeiro um corno depois o outro
no Cu Pró Ar da política
que era o que ela estava a pedir
Corno detonador e mais nada já sabes
«porque ninguém representa ninguém»
e «a Poesia deve ser feita por todos»
Dádá cá o teu corno vermelho
Dádá cá o teu corno negro
quero acariciá-los quero vê-los deitar fumo
fumo negro e vermelho
antes do incêndio

onde eles os teus cornos arderão definitivamente
Saúda-te sussurealisticamente
um homem quase sem esperança de cornos portugueses
não sei se compreendes
Outros antes de ti
mas da mesma família colérica
já o tinham dito:
o sono do materialismo dialéctico engendra monstros
donde essa monstruação sagrada
que se farta de sujar lençóis
fizeste bem em pegá-los pelos cornos
e ires estendê-los na torre Eiffel
Ceux qui tricolorent (Pré Vert)
vão agora vomitar (Misère)
Viva Dany!
Corno-Satã
Marrada na porta do Amanhã!
Cancan cantáridas
nos testículos operários!
Pan Panfleto metido nos ovários!
Puseste de fora as tripas da sociedade capitalista
tiraste a tampa do caldeirão da democracia
mas com o cuidado de uma mão no nariz
e a outra eriçada de flores
tudo isto com a naturalidade da cólera
tu que inventaste
fazendo o pino sobre a pele esticada do tambor de Paris

o Livro das Grandes Excitações
Pseudónimo dos desejos recalcados
analfabeto do abecedário revolucionário
que assinaste de corno
o abaixo-assinado pela Revolução
Viva!
Lobisomem (Pravda) que trincaste
pela primeira vez neste século
o clítoris de Paris
e provaste
que a linha do horizonte do futuro
passa pelo umbigo
e a Freud Karl Marx Fourier e Bakunine
chamaste um FIGO!
Viva!
Quando todos julgavam que desta vez era verdade
o bandulho de Breton principiava a apodrecer
e os martelos da arte da democracia e o mais
começavam a pregar sorrateiramente
os pregos da última cena da Viúva Alegre
eis que o bandulho como um tremor de terra
arreganha os dentes
Tu Dany que sempre usaste o barrete frígio como
preservativo
tu sorriste à dentuça arreganhada
e com teu dedo de bronze escreveste nas paredes
frases inventadas

por exemplo: o poeta devorará o seu poema ou não
— o poeta devorará o poema para haver Revolução
o poema devorará o poeta para não
Fique entendido que te exalto apenas para que ardas
para ao menos sentir nas narinas
o doce novo cheiro do enxofre
que anuncia a Aurora Boreal
e a pólvora no Fígado
Cornúpeto Ímpeto Sinal
Neste momento és apenas um pretexto
para a navalha de barba fechada envergonhada que sou
se abrir razoavelmente agressiva
e talvez nunca mais se fechar vamos lá ver
porque eu debaixo da gabardine
esta película literária própria para cumprimentar
e receber cumprimentos
eu estou de facto na pele e no osso
relativamente no tutano da esperança
apenas a carne mínima para as noites na cama
esse cordão umbilical que me prende à Revolta
e me exalta no Amor
Porque sei também
há quem espere a visita da liberdade
há quem não espere a visita da liberdade
há quem ponha a liberdade fora de casa
três espécies de gente que há-de ser julgada pela própria
liberdade

todos pavões das artes e das letras arganazes do
jornalismo
tartarugas da política
todos de escadote às costas
para falar de cima pelo funil do diálogo
ir de automóvel urinar ao litoral para ver o pôr-do-sol
todos os que usam o sexo como gravata
e amam de gravata no sexo todos definitivamente
avestruzes
Não entro neste tango à meia-luz para não ver o sangue
sou pela patada no sobrado
pela cornada no tecto
sou pelo salto da pantera
e o ódio e o amor raiados de vermelho
Sou pela mão no martelo
e o martelo contra o espelho!
Sou por ti pelo teu Olho Selvagem
pelo teu esquerdismo de Berro e de Chavelho!
Já o disse uma vez:
pelo meu relógio são horas de matar
de chamar o amor para a mesa dos sanguinários
Estou-me nas tintas
para a pesca à linha das ideias
para a fila de chapéus alentejanos
em coro desafinando a esperança
Sou talvez um violento
um homem com labaredas à roda da cintura

e a língua de fora apesar de ranger os dentes
Dany Anti-Suicidado
sei muito bem que também te chamas Rudi e Vietname
e Che Guevara
e outros nomes mais
e um só nome: Proletariado
Estou farto de fazer tricot com as próprias tripas
de beber e de escrever nos intervalos
ter por destino fumar cigarros para divertir os pulmões
até que deles saiam serpentinas e pronto
e não é isto que quero
Dany Possesso
Anel Vermelho e Negro
Fogo no Abcesso

Peixe-Dada na Corrente Quente Surrealista

Até à vista!

EXPOSIÇÃO DADA

QUANDO em 1922 Dada foi atirado vivo e nu ao Sena, não era para que fosse pescado. Também não era para ser servido como dobrada à moda do Porto fria. Dada cavalo marinho voador alemão de 1918 nunca foi para vir a ser para concursos hípicos. Dada dador de sangue e barbeiro de Mona Lisa nunca foi para coisa nenhuma, pela simples razão de ser Dada. Dada quer dizer: uma forma de matar para não morrer. Nunca foi portanto para aparecer de suicida, de artista maldito, de monstro querido, de vampiro arrependido, e muito menos de cadáver esquisito.

Se houvesse cadáver de Dada, mas não há, o que vai chegar agora aí embalsamado seria um falso cadáver. Se houvesse cadáver insepulto de Dada, cheirava mal num continente inteiro. Se houvesse cadáver de Dada enterrado em vala comum, havia ainda hoje fogo-fátuo que dava para iluminar uma cidade — exemplo, Lisboa. Como não cheira e tudo permanece muito às escuras, segue-se que não há cadáver de Dada.

Se houvesse fantasma de Dada, mas não há, já todos os museus do mundo teriam ardido. Como ainda não ardeu nenhum, é que não há fantasma de Dada.

Dada nunca foi goraz, por isso não pode ser agora peixe frito. Também nunca foi rei do petróleo, não pode agora pela mesma razão ser irmã de caridade. Se nunca

foi ao dentista por causa dos dentes podres, não pode ter agora o sorriso de Mona Lisa, mesmo com bigode.

Se Dada fosse anti-Dada, estava tudo certo. Como não é, tudo está errado. Só o Surrealismo, que foi um erro próprio de Dada, é ainda Dada. Só Dada é surrealista, e o humor e o amor o surreal Dada.

O Dada surrealista e o Surrealismo Dada não são formas para arrancar os cabelos da arte, mesmo a mais cabeluda, se a arte não estivesse irremediavelmente careca, e fosse a cantora que se sabe. Não são também para efeitos de luz de museu.

A cadaverização de Dada é um segredo que nem Dada conhece, quanto mais quem não. Donde: o inimigo morto que se vai exibir, para pasto dos gorilas da cultura, não é cadáver de Dada. Porque a pintura Dada nunca foi pintura, a escultura Dada nunca foi escultura, a poesia Dada nunca foi poesia, e por aí fora até ao infinito: Dada.

Houve a revolução Dada que ainda está a haver, mas não haverá nunca exposição de Dada.

UM PALITO PARA ALFRED JARRY

ESSE Pão com fome de polacos e de bicicleta com a poesia com as tripas de fora atravessando incólume terra de Ubus, o *onanista* voador de diamante em diamante em visita ao Amor, Alfred Jarry de seu nome incandescente, que eu conheci estava no meu primeiro solo de ranger de dentes e ele atirava ao alvo — *ó cabecinhas, barrigas-de-petróleo, patriotas encuecados de ideal borrado, crocoloditas de pança encortiçada, mandibulantes de carniça operária, grandes escritores de tinta da china maricas — esse Pão que todos os dias nos rebenta na boca logo de manhã, e depois à mesa, e na cama à noite, e sempre, enquanto este tempo de Ubus não for empurrado para o alçapão — «nobres para o alçapão, magistrados para o alçapão, financeiros para o alçapão» —, Alfred Jarry de seu nome de letras crepitando no organismo da fêmea do super-macho e escrito no espelho de cada um, esse Pão com vidro moído por dentro para dar aos generais, com fumo para entrar nos olhos dos cães de guarda da paisagem,* Alfred Jarry de seu nome cortante, ora vejamos:

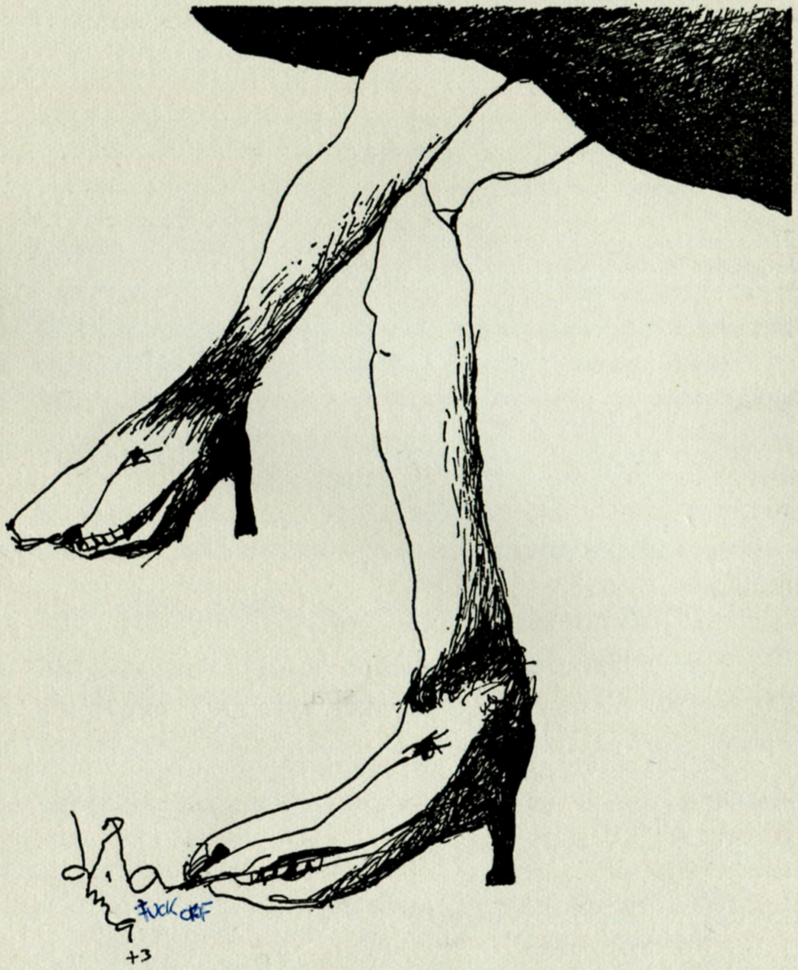
Este poeta e a vida, paixão e morte da sua vida não podem sofrer homenagens para além do palito, que é, supõe-se, o que todos aqui vêm trazer, cada qual à sua maneira. Porque, para além do palito, neste caso, o exercício de cadaverização estaria demasiado à vista. Desviar

as balas alegremente em direcção ao alvo ainda vivo seria o mesmo que desarmar o franco-atirador que foi Alfred Jarry —e ficarmos desarmados. Confesso não estar muito à vontade com, na mão, este palito que me parece uma flor. Rir-se a barriga do rei dos polacos, por minha causa, das pistolas de Jarry, não desejaria eu nunca. *O humor, que se quer negro, devorante e criador, há-de em português cintilar mesmo no cadafalso.* Vejo uma mancha de sangue no local onde dois amantes se demoraram e oiço-os rir ao longe. Irei atrás deles.

Aqui está: um poeta corre sempre o risco de ser assassinado enquanto viver — sobreviver — rodeado de polacos. Abrir brechas, clareiras num exército permanente às ordens de Ubu equivale a seguir, se não se é amante, o rastro dos amantes.

O anti-terrorismo de Alfred Jarry, que não é para imitações, também não é para ser servido com os talheres com que habitualmente a literatura trata os seus alimentos. E ao pedir, na hora em que a fome o ataca mortalmente, apenas um palito, ao disparar assim afasta desde logo para bem longe os caixeiros das artes funerárias.

A vibrante canção de recusa e degolação que é a sua vida e a sua obra mais uma vez coloca a poesia nas primeiras linhas *de fogo,* donde em vão a têm querido tirar. *Neste século por acabar, por estripar, por incendiar, o grito de morra o Rei Ubu é a única palavra de ordem. E cabe aos poetas tornar esse grito bem audível.*



TÁBUA

UMA
FACA
NOS DENTES
de António José Forte

foi composto e impresso em Fevereiro/Março de 1983 nas oficinas da *Minigráfica* — Cooperativa de Artes Gráficas, SCARL, Rua da Alegria, 30 — 1200 Lisboa.
Tiraram-se 1000 exemplares.